

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



RELAÇÕES RACIAIS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PROFESSORAS NEGRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA-UFBA

BRITO. Angela Ernestina Cardoso de¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo identificar as formas de representação social das professoras negras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As mulheres negras são impactadas por múltiplas formas de discriminação que ocorre no processo de hierarquização baseada na intersecção de raça, de gênero, de classe e geração (Creenshaw:2002). Pesquisas realizadas por Lima (1995), Silva (2008), Passos (1997) e Brito (2018) apontam que no imaginário brasileiro, ser mulher negra representa exercer funções subalternas e de menor prestígio na estrutura ocupacional. Há tendência na sociedade de classes em naturalizar ideologicamente as representações pejorativas referentes aos negros e negras. Foi realizada pesquisas bibliográficas, em seguida entrevistas com professoras da UFBA. O exame de práticas sociais e, sobretudo, indicadores substanciais sobre a situação das professoras negras que ingressam no ensino superior pode contribuir para isso.

Palavras-chave: Relações raciais. Professoras negras. Representação social.

SUMMARY

The work aims to identify the forms of social representation of black teachers at the Federal University of Bahia (UFBA). Black women are impacted by multiple forms of discrimination that occur in the process of hierarchization based on the intersection of race, gender, class and generation (Creenshaw:2002). Research conducted by Lima (1995), Silva (2008), Passos (1997) and Brito (2018) point out that in the Brazilian imaginary, being a black woman represents exercising subaltern and less prestigious functions in the occupational structure. There is a tendency in class society to ideologically naturalize pejorative representations of black people. Bibliographic research was conducted, followed by interviews with professors from UFBA. The examination of social practices and, above all, substantial indicators on the situation of black teachers entering higher education can contribute to this.

Keywords: Race relations. Black teachers. Social representation.

¹ Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social-PPGSS-UFBA. Professora Adjunta do curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Política Social. Pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Coordenadora do Laboratório de Tecnologias Sócio Raciais e Metodologias de Rede – Later. www.later.ufba.br. E-mail: angela.ernestina@ufba.br.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1. INTRODUÇÃO

No Brasil existe a ideia de que não há racismo, ideia largamente expandida e desenvolvido pelo sociólogo e antropólogo brasileiro Gilberto Freyre, a partir da sua obra de Casa Grande e Senzala (1933). Diante disso surgiram as seguintes indagações: Por que tantos brasileiros resistem a negação do racismo de forma tão persistente? Por que se afirmam como sociedades brandas? O estudo tentará refletir sobre essas questões e localizar no imaginário dos brasileiros, como não-racistas, enquanto a evidência histórica atesta, pelo contrário, a sua presença insidiosa. Essas e outras questões fundamentaram a proposição desse estudo apresentada ao JOINPP, parte do estágio pós doutoral realizado no Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra -CES/UC.

O trabalho discute as formas como as professoras negras são representadas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), refletindo sobre os processos históricos de construção identidade social os estereótipos e preconceitos raciais, incorporados no tecido da sociedade brasileira.

Segundo Schwarcz (1993), os estudos sociológicos e a historiografia sobre o Brasil revelam que a sociedade brasileira foi constituída, essencialmente, com base no sistema escravocrata. No entanto, a escravidão não pode ser a única responsável pela discriminação racial, pela desigualdade racial e pelo racismo na sociedade brasileira.

A relevância desta pesquisa reside em associar às questões de caráter predominantemente sócio-político e sobretudo cultural, elementos referentes às relações raciais e de gênero, à construção de identidades, as modificações das tradições, ao imaginário e aos símbolos que são cotidianamente construídos no universo vivencial das professoras negras da UFBA. Se se considerar que a mobilização coletiva das mulheres negras altera a visão da universidade eurocentrada, criada para os homens, redefinindo modos interpretação social e cultural e, certamente, criando novas experiências, é necessário interpretar as formas culturais e comparar de que modo vem acontecendo as novas inserções.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Realizou-se inicialmente a pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa como método, se refere ao material de estudos que se propõe a realizar e, para isso, abrange os estudos tornados públicos em relação ao tema ou objeto investigado, em nosso caso, a educação integral seus movimentos e as experiências desenvolvidas no Brasil, assim como os seus desdobramentos para as ações política, práticas pedagógicas e de formação docente. Dessa forma, favorece ao pesquisador a compreensão do universo em que a investigação se insere e a visualização da pertinência e relevância para o desenvolvimento da proposta.

Em seguida foram entrevistadas 20 professoras negras da UFBA, posteriormente as entrevistas foram analisadas por meio da elaboração da nuvem de palavras. A metodologia nuvem de palavras condensam as palavras mais relevantes e mostram a preocupação que as participantes da pesquisa têm com a família, com a educação, com questões universitárias e a questão racial. Na organização do resultado dessa estratégia, foi utilizado um programa informático que produz uma nuvem de palavras, organizando-as, em várias cores e tamanhos, com base no número de menções feitas em determinado texto. No início, listamos as palavras em ordem de maior para menor frequência, utilizamos o *Wordle*®1, um programa *on-line* que cria nuvens de palavras.

O século XIX foi marcado por teorias evolucionistas, conforme Schwarcz (1993), como a tese da degenerescência racial, que acreditava na existência de “tipos de raças puras”. O contato sexual-afetivo entre povos de “raças” e culturas diferentes era visto como um perigo. A eugenia, movimento científico e social, proibia e controlava determinados tipos de contato entre povos diferentes, com a justificativa de considerá-los ameaças à civilização humana. As teorias evolucionistas eram acionadas para explicar e resolver o problema racial brasileiro, como a ideologia do branqueamento, defendida por uma geração de intelectuais do século XIX, entre eles Oliveira Vianna. Ou seja, a etnia branca, considerada a mais forte, se sobreporia a negra e indígena.

PROMOÇÃO



APOIO



Assim, não só é de relevância analisar como o racismo se manifesta nos locais onde o contato com o outro/branco é meramente simbólico, e não materializado, como a ausência, e por conseguinte a necessidade, de debate em torno da diversidade cultural e do racismo é particularmente evidente em zonas geográficas em que as minorias racializadas e etnicizadas têm menor visibilidade (CONNOLLY & KEENAN, 2002).

2. RELAÇÕES RACIAIS E RERESETNAÇÃO SOCIAL

No Brasil existe a ideia de que não há racismo, ideia largamente expandida e desenvolvido pelo sociólogo e antropólogo brasileiro Gilberto Freyre, a partir da sua obra de Casa Grande e Senzala (1933). De acordo com Gilberto Freyre, o português teria inclinação para o relacionamento e a miscigenação com os povos dos trópicos, resultando em formas de colonialismo mais acolhedores que levaria à criação de sociedades multirraciais e brandas (Castelo, 1998), comprovado por meio das relações sociais baseadas na integração e não na dominação e na existência de contatos “íntimos” entre os colonos portugueses e os colonizados.

Santos (2002) salienta que as concepções originárias da Europa, foram utilizadas pela elite brasileira, para atestar a inferioridade e atraso dos negros e para justificar a imigração europeia branca em nosso país. O autor destaca que o século XVII Portugal teria um papel subalterno mundo capitalista, que impedirá de ocupar um lugar de hegemonia no processo colonial, o colocando sempre em um país periférico no contexto europeu. O destaque é para a influência da cultura portuguesa na formação racial do Brasil. As ideias de progresso e de racismo que chegam no país são herdadas do pensamento iluminista francês. A colonização portuguesa passa a ser subalterna, Portugal passa a depender economicamente da Inglaterra, não desenvolve o seu parque industrial e a história do colonialismo no século XVII passa a ser escrita em inglês ou francês. Franceses e ingleses, se sentiam superiores, por isso não se relacionavam sexualmente com os colonizados tinham normas.

Fanon, na obra Pele Negra, Máscaras Brancas “Mas o branco...continuava irreduzível. Por nenhum preço ele queria intimidade entre as raças, pois é sábio que

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



“os cruzamentos de raças diferentes rebaixam o nível psíquico e mental” (Fanon, 2008, p. 111) explica a postura de franceses e ingleses para evitarem o cruzamento entre as raças.

Retomando Gilberto Freyre, ao falar das características gerais da colonização portuguesa no Brasil, destacava o hibridismo nas sociedades coloniais portuguesas como um triunfo em relação aos ingleses e franceses. Outro destaque na obra de Freyre, apontado por Boaventura de Souza Santos, é a miscigenação entre o homem branco e a mulher negra ou indígena que vai sustentar a colonização portuguesa. Primeiro, porque o português não tinha gente suficiente para povoar as colônias e também já tinha contato com outros povos africanos que os tornavam mais tolerantes em relação a raça do que outros colonizadores.

Freyre inicialmente discute em “democracia étnica” para dizer que, apesar de uma estrutura política muito aristocrática, construiu-se, no plano das relações raciais, relações democráticas, essas ideias foram transmitidas posteriormente e ganharam, por um bom tempo, pelo menos nos anos de 1940 até os 1960, a conotação de um ideal político de convivência igualitária entre brancos e negros (GUIMARÃES, 2002), “democracia racial”.

Abdias do Nascimento foi um dos primeiros intelectuais a denunciar o mito da democracia racial. Abdias Nascimento, discutiu sobre a trajetória de um intelectual negro engajado na disseminação de saberes emancipatórios entre as décadas de 1920 e 1940, mostrando seu processo de formação como intelectual engajado nas causas das populações negras.

Em 1965, no Brasil Florestan Fernandes (1965) fala que a democracia racial, é um mito, trata-se apenas de um discurso de dominação política, não existia efetivamente, era usada apenas para desmobilizar os negros, um discurso de dominação, um discurso puramente simbólico.

É notório no Brasil este imaginário coletivo esteve dissociado de uma concepção crítica sobre relações culturais, políticas e econômicas desiguais. O discurso do lusotropicalismo, em Portugal, e a da democracia racial no Brasil não

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

somente fortaleceram o racismo nos dois países, mas também o seu silenciamento, naturalizando a discriminação e despolitizando-a.

Araújo (2008) ressalta que o racismo em Portugal circula de forma poderosa na sequência das representações sociais e históricas que persistem na sociedade portuguesa devido ao seu passado colonial. Estudos acadêmicos realizados por Machado, 1999; Ferreira, 2003 sugere que o fenômeno da diversidade em Portugal deve ser estudado no espaço real da sua concentração empírica, o que deriva de uma visão do racismo como resultando do contato direto com o “outro” e não como uma herança colonial, diferentemente do que ocorre no Brasil, onde o racismo é resultado da herança colonial racista atrelado posteriormente as consequências ao de todo o processo histórico.

A complexidade de um fenômeno como o racismo na área acadêmica, é importante salientar a necessidade de abordagens mais específicas que possam, por sua vez, realizar estudos comparados entre Brasil e Portugal dada a concepção de práticas sociais sobretudo indicadores substanciais sobre a situação das professoras negras que ingressam no ensino superior.

Políticas públicas diversas são realizadas a partir da existência – ou o seu oposto – de informações transmitidas por esses dados. A produção dos recortes de raça e gênero depende desse tipo de análise e, sobretudo, da sensibilidade dos pesquisadores, para perceber o valor dessas informações. Essa temática nos ajuda a pensar no quadro de como são construídas as hierarquias raciais nesses países. A forma como um determinado tema é estudado tem consequências relevantes para o modo como o compreendemos e, assim, para as possibilidades e formas de ação e intervenção.

Analisando tempos diversos e os inúmeros contratempos que se foram colocando à construção de uma agenda antirracista, este trabalho dialoga com múltiplos processos sociais, culturais e políticos que tem marcado historicamente ambos os países e que estabelecem os limites de um debate sempre fora de tempo.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



No imaginário do brasileiro, ser mulher negra representa exercer funções subalternas e de menor prestígio na estrutura ocupacional. Partindo de reflexão semelhante, Costa Pinto (1998) revela que a inferiorização atribuída às mulheres negras impede ou dificulta ascensão social, fazendo com que produtos do preconceito e da desigualdade de oportunidades sejam utilizados para a sua própria justificação. O autor ainda acrescenta que a ascensão não significa integração social, pois na medida em que começa a despontar uma classe média negra, os conflitos tendem a se acirrar e as tensões tornam-se mais evidentes. Nessa lógica, seria possível afirmar que quanto mais a mulher negra ascende, mais encontra barreiras sociais.

Analisando tempos diversos e os inúmeros contratempos que se foram colocando a construção de uma agenda antirracista, esta pesquisa dialoga com múltiplos processos sociais, culturais e políticos que tem marcado historicamente ambos os contextos e que estabelecem os limites de um debate sempre fora de tempo.

De acordo com Gilberto Freyre, o português teria inclinação para o relacionamento e a miscigenação com os povos dos trópicos, resultando em formas de colonialismo mais acolhedores que levaria à criação de sociedades multirraciais e brandas (Castelo, 1998), comprovado por meio das relações sociais baseadas na integração e não na dominação e na existência de contatos “íntimos” entre os colonos portugueses e os colonizados.

Os elementos que emergiram das análises e conversas com as participantes da pesquisa demonstram que, na UFBA se constroem uma imagem estereotipada e preconceitos em torno das mulheres negras, e essas construções coletivas são transportadas para o interior da universidade e o imaginário social. Jorge Vala (1997), em estudo sobre representação social e percepções intergrupais, salienta que os traços estereotípicos isolados são insuficientes para entender as vítimas de conflitos étnicos ou de conflitos entre grupos em contextos organizacionais, etc. O autor ressalta que deve ser levada em conta a percepção da ameaça que o exogrupo representa para os valores do endogrupo. Assim, a atitude dos indivíduos em face

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

dos membros de outro grupo não depende apenas das emoções e dos estereótipos que estes lhes atribuem, mas também da percepção que têm da ameaça aos valores desse grupo. (VALA, 1997)

No Brasil, (Nogueira, 1999) traz importantes considerações sobre a representação social do corpo como forma de entender a estrutura e a demanda da sociedade. Isso é muito importante do ponto de vista histórico porque a sociedade privilegia um dado número de características e atributos que deve ter o homem, ou uma mulher, sejam morais, intelectuais ou físicos. Esses atributos são, basicamente, os mesmos para toda a sociedade, embora possam ter diferentes *nuances* para determinados grupos, classes ou categorias que fazem parte da sociedade. A autora enfatiza que o corpo humano, para além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras intervenções sociais. Imaginem como as religiões de matriz africana atravessam os corpos das mulheres negras e, durante toda sua trajetória, as estigmatizam, muitas vezes até as demonizam, cumprindo valores e funções ideológicas. (NOGUEIRA, 1999)

Brito (2017) em pesquisa quantitativa realidade na Universidade Federal da Bahia mostrou que o Índice de paridade racial da UFBA é de 0,26 e que o Índice de paridade de gênero é de 0,06. A pesquisa demonstrou que as mulheres brancas praticamente conseguiram uma equidade em relação aos homens brancos, mas as mulheres e homens magros não conseguiram, mostrando o IPR de 0,26.

O indicador utilizado para análise dos dados quantitativos foi o índice de paridade racial (IPR) e o índice de paridade de gênero (IPG). O IPR é um indicador construído pela Fundação Carlos Chagas para medir a distância entre negros e brancos para qualquer valor numérico. O IPG é utilizado pela Unesco nos relatórios de monitoramento global “Educação para Todos”. Assim, o IPR foi espelhado no IPG. Um IPR de valor 1 indica a paridade entre negros e brancos; um IPR entre 0 a 1, uma disparidade a favor dos brancos, um IPR maior do que 1, uma disparidade a favor dos negros (Fundação Carlos Chagas, 2016). Um IPG com valor 1 indica paridade entre os sexos; um IPG que varia de 0 a 1 significa uma disparidade em favor dos homens;

PROMOÇÃO



APOIO



um IPG maior do que 1 indica disparidade em favor das mulheres. Aceitam-se valores entre 0,95 a 1,05 como intervalo de confiança. Desta forma, qualquer indicador menor do que 0,95 representa uma desigualdade para mulheres e qualquer indicador maior do que 1,05, uma vantagem para as mulheres. (UNESCO 2003/2004, p. 386).

Vejamos o que a sistematização da pesquisa, ora apresentada² para o JOINPP, por meio da Nuvem de palavras:

Figura 1- Professoras negras da UFBA.



Fonte: Arquivo próprio.

Martins (2015) destaca que as ciências sociais “precisam de ser descolonizadas na medida em que assentam nos privilégios e nas prerrogativas científicas fundados na hegemonia global do paradigma econômico e cultural da modernidade ocidental” (Martins, 2015) ressalta que tanto a subalternidade como a interdependência econômica promovem um quadro epistemológico que continuamente desqualifica as experiências e saberes das populações que foram objeto da dominação colonial.

² Importante ressaltar que os dados coletados nesta pesquisa não se limitam apenas as análises supracitadas, a sistematização de todas as entrevistas foram publicadas em dossiê temático na revista Semina- UEL.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



As análises das entrevistas permitiram evidenciar que as professoras participantes da pesquisa vivenciam isolamento acadêmico ou confinamento racial atrelado a falta de reconhecimento profissional seja de outros professores e dos próprios funcionários, mostra a situação das professoras negras na luta anti-colonial acadêmica.

(ARAÚJO; MAESO, 1998) em estudo sobre racismo no contexto europeu, analisam como a universidade no cotidiano se ausenta da discussão, encontrando subterfúgios para culpabilizar as vítimas. As autoras refletem sobre a marginalização do assunto nas esferas institucionais, o privilégio branco, os poucos aliados na luta antirracista, a hegemonia do racismo na academia, a reprodução do privilégio racial e abordam, ainda, os processos e debates internacionais.

A representação estereotipada das mulheres negras ainda emergente no imaginário coletivo está normalmente relacionada a uma mulher subalterna, que varre o chão, lava o banheiro, serve o café, e com as quais se tem pouco ou nenhuma identificação. Permanece a imagem de um ser que fala alto, é desprovido de intelectualidade e dos princípios de uma moralidade socialmente aceita. Criam-se signos que são representados social e coletivamente. As linhas abissais validam verdades universais. No caso da representação, as professoras negras constituem identidades estigmatizadas que lhes foram atribuídas ao longo da história, primeiro com a colonização e, depois, introduzidas subjetivamente por meio do capitalismo mundial, colonial e moderno.

Assim, não só é de relevância analisar como o racismo se manifesta nos locais onde o contato com o outro/branco é meramente simbólico, e não materializado, como a ausência, e por conseguinte a necessidade, de debate em torno da diversidade cultural e do racismo é particularmente evidente em zonas geográficas em que as minorias racializadas e etnicizadas têm menor visibilidade (CONNOLLY & KEENAN, 2002).

Deve-se considerar ainda a ausência de discussões mais contundentes sobre essa temática, no Brasil e em Portugal, mesmo que de forma transversalizada.

PROMOÇÃO



APOIO



Analisando tempos diversos e os inúmeros contratempos que se foram colocando a construção de uma agenda antirracista, esta pesquisa dialoga com múltiplos processos sociais, culturais e políticos que tem marcado historicamente ambos os contextos e que estabelecem os limites de um debate sempre fora de tempo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos caminhos para se pensar a universidade é, então, o enfretamento desses problemas de forma direta e imediata, com as narrativas de alunos, brancos e negros que possam refletir e buscar metodologias específicas para superar atitudes racistas que permeiam no imaginário de alunos universitários.

Outro resultado refere-se à garantia dos direitos da população negra que se encontra vulnerável quanto ao atendimento de seus direitos humanos, sobretudo o acesso aos serviços como educação. Partindo da necessidade premente de formação de profissionais capacitados, assim como da elaboração de ações voltadas para as demandas específicas dessa população. Não se pode negligenciar o processo de vulnerabilidade em que vive a população negra e que, muitas vezes, conduzem ao adoecimento, sendo que a pesquisa poderá contribuir para garantir esse direito, sobretudo no que tange ao aspecto ao acesso ao ensino superior.

Entendo que o avanço da percepção sobre o preconceito racial nas universidades tanto no Brasil, será possível se considerarmos a opinião das suas vítimas. (Martins, 2015) destaca que “A busca do subalterno é tanto a possibilidade de reconhecer voz a sujeitos existentes, atualmente marginalizados, como a constituição de novos sujeitos através da tradução intercultural, seja para transformar o lugar e o ser aqueles recusam a abandonar as posições de privilégio, seja para construir novas possibilidades de autoria social entre aqueles que há muito reclamam pela urgência de outros mundos possíveis” (p.12). Faz-se necessário repensarmos sobre novas possibilidades, mundos possíveis, onde as mulheres negras transgridem, lutam e atravessam linhas abissais demarcatórias.

4. REFERÊNCIAS

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

BRITO, A.E.C DE. A balança de Efa: uma análise quantitativa de raça e gênero sobre a inserção de negros e negras no magistério superior da UFBA (2016-2017). **Revista Gênero**. V.18.n.1(2018). No prelo.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro:

DP&A, 2002. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:**

uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

CREENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. (10:1), Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão/UFSC, 2002, p.171-188.

Fundação Carlos Chagas. Desigualdades de cor/raça e sexo entre pessoas que frequentam e titulados na pós-graduação brasileira: 2000 e 2010. **Relatório final da Pesquisa**.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, M. (Org.) **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Outras referências (opcional, até 05 itens)**

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do Ethos. In: MOTTA,

A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

QUEIROZ, D. M. **Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras**. Salvador: UNEB, 2006, (mimeo).

PROMOÇÃO



APOIO

